

ARTIGO 8

DIÁRIO E BIOGRAFIA: GÊNEROS COMO FORMA DE CONTAR HISTÓRIAS DE VIDAS

JUCELITO ANTÔNIO ALBA FILHO
PAULO CESAR FACHIN

DIÁRIO E BIOGRAFIA: GÊNEROS COMO FORMA DE CONTAR HISTÓRIAS DE VIDAS

Jucelito Antônio **Alba Filho**¹

Paulo Cesar **Fachin**²

RESUMO:

Os gêneros textuais são responsáveis por transmitir informações, sejam elas verídicas ou ficcionais. Todo e qualquer texto tem um significado, um objetivo e, principalmente, um leitor. Para que esse leitor compreenda da melhor maneira possível as ideias presentes, os autores precisam transcrever seus pensamentos, descrevendo-os minuciosamente, mas, ainda assim, de maneira simples. Esse ato é ainda mais difícil quando se trata da história da vida de uma pessoa, como é o caso do diário e da biografia, que, apesar de compartilharem o mesmo objetivo, são completamente diferentes. O seguinte texto, elaborado sob a metodologia de pesquisa bibliográfica, propõe uma análise comparativa entre os gêneros textuais diário e biografia, ressaltando suas especificidades estruturais, finalidades e os desafios inerentes a cada um, com o objetivo de identificar as diferenças e dificuldades na produção de cada um. O objetivo principal da pesquisa é identificar as diferenças entre os dois gêneros e as dificuldades inerentes à elaboração de cada um, além de compreender seu papel pedagógico no contexto escolar. Destaca-se o caráter íntimo e subjetivo do diário, frequentemente produzido de maneira espontânea e sem a pretensão de divulgação pública, em oposição à biografia, que se configura como uma narrativa sobre a trajetória de uma figura, geralmente de relevância histórica ou cultural, elaborada por terceiros. Justifica-se a pesquisa pela importância na melhor compreensão dos gêneros, sendo que os dois são de grande valia para analisar a vida de uma pessoa, pois, embora distintos em sua forma, ambos convergem no propósito de preservar memórias e experiências. A pesquisa aborda obras emblemáticas, como os diários de Anne Frank (2003) e Carolina Maria de Jesus (2020), além do diário de Frida Kahlo (2008), em sua versão transcrita por Sarah Lowe, bem como as biografias escritas por Herrera (2011) e Jamís (2015) sobre a artista. Ademais, a pesquisa foi fundamentada também em estudos de Le Goff (1990), Lejeune (2013), Izquierdo (2002), Yates (2007), entre outros estudiosos sobre o assunto. Também é utilizada como base para o contexto educacional a Base Nacional Comum Curricular de 2018.

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduado em Letras – Português/Inglês pelo Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG, e-mail: jucelitoalba@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Professor de língua espanhola do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, do Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL - Unioeste e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGL – UEPG, e-mail: paulo.fachin@hotmail.com.

PALAVRAS-CHAVE:

Diário. Biografia. Gêneros Textuais. Memória. História.

1 INTRODUÇÃO

Cada gênero textual possui um objetivo e, dentre tantos, dois são de grande destaque quando o assunto é contar a história da vida de uma pessoa: o diário e a biografia.

Segundo Costa (2010), a ideia de que a vida pode ser narrada como uma história linear está ligada à ideia de que os acontecimentos seguem uma sequência lógica e previsível no tempo, contudo, ainda segundo o autor, essa perspectiva é uma construção discursiva, uma forma de dar sentido à vida a partir de uma lógica irreal, sendo que a vida humana contém imprevistos, rupturas e contradições, impossibilitando o enquadramento dela em um modelo narrativo rígido e objetivo (Costa, 2010)

Segundo Le Goff (1990), os documentos devem ser vistos como monumentos, e não apenas registros do passado:

O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica (Le Goff, 1990, p. 473).

A ampliação dos conceitos de documentos históricos também exige novas técnicas de análise. Com os novos métodos de análise, os textos deixariam de ter uma visão puramente memorialista, aproximando-se de uma abordagem rigorosa e científica.

Os dois gêneros em estudo possuem um objetivo semelhante, transformar em letras a memória dos acontecimentos da vida de uma pessoa e de toda a sociedade a seu espaço próximo, material e temporal. A memória, por sua vez, pode ser definida de diversas maneiras. Segundo Ivan Izquierdo (2002), a memória é uma aquisição, formação ou conservação de informações. Enquanto a aquisição pode ser considerada também aprendizagem e a evocação pode ser categorizada como lembrança ou recordação.

De forma semelhante, Le Goff (1990), no livro *História e Memória*, descreve a memória:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1990, p. 366).

Dessa forma, a memória, como é descrita por Le Goff (1990) é uma capacidade humana de lembrar-se de informações do passado e, nessas lembranças, modificar o futuro, atualizando as mesmas informações e inserindo-as em um contexto.

Ambos os autores, Le Goff (1990) e Izquierdo (2002), tratam sobre memória da mesma maneira, uma função psíquica que visa adquirir, atualizar e conservar informações passadas. Assim, para termos total aproveitamento dos textos, necessitamos de memórias claras, adquiridas com base externa, em entrevistas ou particularmente, com a própria lembrança. Para uma melhor organização mental, conseguimos, inclusive, utilizar técnicas descritas por Yates (2007) em seu livro *A Arte da Memória*, como os palácios mentais ou a associação de memórias com imagens vividas.

Os gêneros textuais, diário e biografia, trabalham de maneiras diferentes para alcançar objetivos próximos, entretanto, entender o conceito de cada um se faz necessário para uma análise acurada. Diversos pontos são palpáveis de serem modificados em ambos, levando em conta, principalmente, a parcialidade. Segundo Benjamin (1993 *apud* Boldorini, 2018) nenhuma narrativa é isenta de parcialidade, nenhum texto é neutro. Todo texto expressa um ponto de vista específico de quem escreve.

A parcialidade leva o autor a criar seu próprio ponto de vista. O diário, por ser um texto íntimo, sem a pretensão de publicação, e que pode ser modificado por envolver o contexto emocional do autor no momento de sua escrita. Dessa mesma forma, a biografia pode ser escrita com base em entrevistas de diferentes pessoas, as quais compartilharam momentos diferentes sobre o biografado, incluindo nas entrevistas e informações seus próprios pontos de vista, assim modificando também a veracidade e parcialidade dos fatos descritos.

A parcialidade de uma biografia, por exemplo, é um assunto confuso pela própria paixão do biógrafo ao estudar o biografado. Conforme Lucena (2013):

Outro item comum aos biógrafos, segundo Vilas Boas (2007), é a ideia da extraordinariedade, quando biógrafos ressaltam seus biografados como pessoas únicas, extraordinárias e que, por isso, são merecedores da notoriedade de que gozam (Lucena, 2013, p. 143).

Lucena (2013) comenta sobre um problema relacionado à paixão do biógrafo pelo biografado, algo que pode culminar em uma dificuldade na imparcialidade que o gênero deveria conter e demonstra que a parcialidade presente nas biografias pode se tornar uma situação recorrente em várias produções do gênero, o que tende a modificar a história em leves detalhes para satisfazer a paixão de seu escritor e que acaba quebrando a veracidade da história contada.

De forma semelhante, Lejeune (2013) explica sobre alguns dos problemas de produção de um diário:

O meu diário tinha-me acompanhado nos turbilhões da adolescência, sem dúvida nenhuma, tinha-me ensinado a analisar os meus sentimentos e a escrever melhor, tinha-me ajudado nisso; mas, talvez, também me tenha prejudicado ao fechar-me em mim próprio, ao afastar-me de diálogos que me teriam permitido amadurecer melhor. Sobretudo, foi para mim o lugar de um fracasso: o das minhas ambições literárias. [...] O meu diário, repetitivo, respondão, queixoso, complacente, parecia-me o contrário de uma obra. Conservei-o, portanto, enquanto dizia a mim próprio que, mais tarde, se eu chegasse a ser escritor, poderia servir-me como matéria-prima. Mas naquele tempo, eu não era bom em nada (Lejeune, 2013, p. 538).

Lejeune (2013) reconhece que a escrita teve um papel significativo em sua adolescência, auxiliando-o a desenvolver melhor seus sentimentos. Contudo, relata também que o hábito pode ter levado ele a um isolamento excessivo, transformando as anotações em um espaço de frustração, principalmente às suas ambições literárias. Entretanto, o diário é mantido com a esperança de que, no futuro, funcione como material para outra obra.

Dessa forma, o diário tem uma dificuldade em sua produção, pois ao desenvolvê-lo, o autor acaba por colocar nele seu emocional. O diário é escrito conforme a idade avança, e essa idade significa conhecimento e amadurecimento. Assim como o escritor se transforma, de adolescente para adulto, o texto inicial também já não é o mesmo no final, as ideias mudam e a escrita também.

Ademais, os gêneros textuais assumem um papel fundamental no processo formativo dos alunos, especialmente no que se refere ao seu desenvolvimento como leitores críticos³. Entre esses gêneros, o diário e a biografia ocupam lugar de destaque

³ Sobre o leitor crítico, Gamboa (2016) discorre que: Este nível epistêmico da leitura crítica pressupõe, consequentemente, um leitor capaz de compreender a semiose textual, compreender a natureza ideológica da linguagem e seus mecanismos semióticos, sabendo que os textos são muito mais do que pessoas nos papéis com tinta. (2016, p. 171)

por sua capacidade de articular experiências pessoais, contextos históricos e subjetividades. Ambos são contemplados na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

No que se refere ao terceiro ano do Ensino Fundamental, a competência de número 13 enfatiza a importância da produção e compreensão de gêneros do campo da vida cotidiana, destacando o diário e a carta pessoal como formas de expressão de sentimentos, opiniões e vivências individuais (Brasil, 2018).

Conforme exposto na BNCC (2018):

(EF03LP13) Planejar e produzir cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções dos gêneros carta e diário e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto (Brasil, 2018, p. 121).

Nos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente nos oitavos e nonos anos, a BNCC (Brasil, 2018) amplia o repertório de gêneros e reforça o papel da biografia como componente importante na formação leitora. A competência 33 orienta que o aluno seja capaz de realizar leituras autônomas e críticas, compreendendo as particularidades de gêneros como romances, crônicas, contos e biografias romanceadas, entre outros:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (Brasil, 2018, p. 187).

Realizando a leitura crítica, análise e compreensão dos gêneros, o estudante deixa de ser um leitor comum, que apenas interpreta as palavras de um texto e dá sentidos explícitos, para se tornar um leitor ativo e consciente, capaz de construir sentidos implícitos, formular posicionamentos e aplicar as informações adquiridas em diferentes esferas sociais. Tal desenvolvimento se reflete não apenas em sua formação individual, mas também na sociedade em que vive.

Diante das especificidades que cercam os dois gêneros, surge a questão desta pesquisa: Quais são as diferenças e as dificuldades envolvidas na produção dos

gêneros diário e biografia, considerando sua função de registrar e preservar memória e histórias de vida?

Embora ambos compartilhem a finalidade de preservar a memória e narrar experiências de vida, cada um enfrenta desafios diferentes em sua produção, o diário, por ser íntimo e subjetivo, tende à parcialidade e ao apego pessoal do autor, enquanto a biografia, por depender de múltiplas fontes e da visão do biógrafo, enfrenta o risco da idealização e da falta de imparcialidade.

Dessa forma, acredita-se que a subjetividade e a parcialidade sejam desafios comuns aos dois gêneros, influenciando a veracidade e a linearidade da narrativa.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar comparativamente os gêneros, evidenciando suas características, finalidades e dificuldades de produção. Para tanto, também buscamos compreender como esses gêneros contribuem para a formação crítica de leitores no contexto educacional, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Justifica-se a pesquisa pela relevância em compreender os gêneros textuais, que, embora distintos em sua estrutura e finalidade, compartilham o objetivo de registrar memórias e experiências. A baixa quantia de estudos sobre esses gêneros reforça a importância do tema, visto que os mesmos são estudados e praticados desde os anos iniciais do ensino fundamental, como visto anteriormente, e são gêneros em ascensão, não apenas em livros, mas também em outras mídias.

2 DIÁRIO

O diário é um gênero textual que, quando produzido, não costuma ter o intuito de ser um texto a publicar. Em sua maioria, os diários são feitos para escrever informações íntimas, situações e segredos que, geralmente, o autor guarda para si. Essa característica íntima modifica o texto, tornando-o um emaranhado de anotações sobre os próprios acontecimentos e, muitas vezes, pensamentos e sentimentos de quem escreve.

Segundo Lejeune (2011):

O diário é, portanto, uma atividade solitária, em busca de um destinatário. [...] Pode ser também algo totalmente passivo, como os diários de crônicas (registros do dia a dia) nos quais a garota deliberadamente limita o que ela escreve aos eventos externos de sua vida diária, permanecendo silenciosa

no que diz respeito às suas principais preocupações. Devo dizer que ambas as categorias (os diários religiosos e as crônicas) são os mais difíceis de ler (Lejeune, 2011, p. 109).

Lejeune discorre sobre o diário como uma atividade solitária, procurando um possível destinatário, seja real ou imaginário, mas também concorda sobre o diário como um meio de escrita passivo, que não procura um leitor ou, sequer, tem a intenção de ter um. Permitindo, dessa maneira, que o escritor do diário apenas coloque as informações dos eventos de sua vida limitados por si mesmo. Ademais, Lejeune ainda comenta sobre uma das principais características no diário, a particularidade da escrita de cada pessoa. Por ser um gênero de relatos pessoais, nos casos em que o diário não tem a intenção de possuir um destinatário, ele fica à mercê da escrita do autor, que pode variar entre uma escrita introspectiva ou um registro factual, reforçando a complexidade do gênero, que se adapta à intenção do autor.

Sendo próprio, único e adaptável a cada objetivo de seu escritor⁴, a produção dos textos contidos em um diário também é passível de parcialidade, sendo um emaranhado de textos escritos sobre acontecimentos recentes.

Conforme estudos de Silva e Pereira (2016):

O diário dá-se no calor do momento, no instante em que o diarista se vê entusiasmado a recontar os fatos mais interessantes de seu dia. Por meio dele, transcrevem-se pensamentos e sentimentos que são únicos a determinados momentos e ficam eternizados pela escrita: o registro permanece inquieto para reviver a memória (Silva; Pereira, 2016, p. 299).

Conforme observam Silva e Pereira (2016), o diário geralmente é escrito no ímpeto, enquanto os fatos ainda estão vivos na memória do autor. Por se tratar de um gênero que registra não apenas os acontecimentos cotidianos, mas também os sentimentos e pensamentos que, ao serem escritos, tornam-se permanentes: “transcrevem-se pensamentos e sentimentos que são únicos a determinados momentos e ficam eternizados pela escrita” (Silva; Pereira, 2016, p. 299). Os autores, assim, destacam a importância do diário como forma de preservação da experiência vivida, funcionando como um espaço de memória que mantém vivos os momentos.

⁴ Lejeune, em uma pesquisa sobre a quantia de diários produzidos na França, relata: “O charme dessas leituras é seu caráter imprevisível. Antes de abrir o texto, não sabemos se o autor nos reserva ou não o prazer da linguagem. Ao cabo de duas páginas conhecemos sua intenção, literária ou não, mas não o resultado a que chegará” (Lejeune, 1997, p. 117).

Com os acontecimentos ainda recentes gravados na mente do autor, a chance de o texto ser verídico é grande, entretanto, muito depende do seu contexto de produção. Conforme citado anteriormente, o ponto de vista de um texto é uma chave importante para compreendê-lo e existe uma tendência humana a modificar histórias de acordo com o seu próprio ponto de vista. Por ser um texto escrito pelo próprio público-alvo, esse efeito de parcialidade, em sua maioria, é perceptível. Essa parcialidade pode mudar acontecimentos ou descrevê-los de maneiras diferentes do ocorrido.

O diário é um gênero muito antigo e seu primeiro objetivo era a descrição de fatos históricos ou acontecimentos, focados em personagens importantes, sendo uma das principais maneiras de contar aventuras de viagens ou de guerras (Pimentel, 2011)

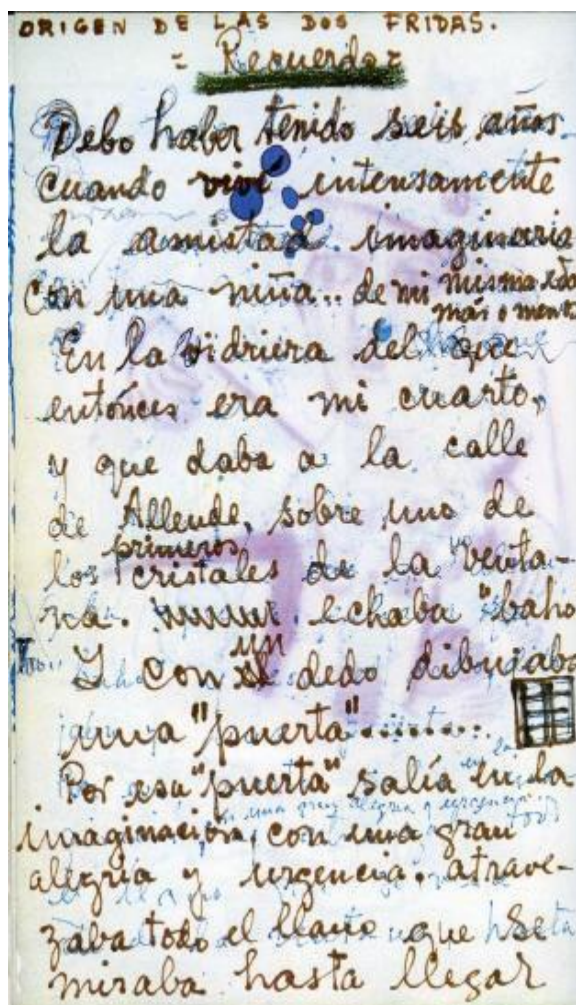
O gênero textual conta um estilo de escrita semelhante a antigos praticantes da Arte da Memória, sendo considerado um espaço no qual memórias são registradas e organizadas de maneira pessoal, realizando, praticamente, a técnica da mnemônica⁵. Ademais, a descrição detalhada dos locais é citada por Yates (2007, p. 20): "As fontes clássicas parecem descrever técnicas que dependem de impressões visuais de uma intensidade inacreditável". No caso, a descrição detalhada dos acontecimentos, feita em diários, pode ser considerada uma maneira de expor uma memória para que seja melhor recordada futuramente, uma técnica de memória.

Essa técnica é perceptível em alguns trechos do diário de Frida Kahlo (2008), principalmente ao explicar sobre suas pinturas, mesclando, em suas memórias da infância, os locais em que elas aconteceram, assemelhando seu pensamento em memória e localização. Em certo ponto do diário, a artista mexicana escreve a inspiração para a pintura "*Las dos Fridas*"⁶, imagem pintada em 1939.

⁵ "Técnica para desenvolver a memória e reter informações, por meio de métodos artificiais que utilizam a associação de ideias, combinações, etc." (Fonte: Dicionário Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mnemonica>. Acesso em: 28 mar. 2025).

⁶ A obra *Las dos Fridas* é uma das obras que a artista pintou após a separação do relacionamento com Diego. No quadro, duas versões de Frida estão sentadas lado a lado, uma retratada com um vestido tradicional mexicano, simbolizando suas raízes, enquanto a outra usa um vestido europeu, associado à sua parte mais ocidental, que remete à sua educação e ao casamento com Diego. Além disso, ambas as Fridas estão ligadas por um cordão que conecta seus corações. Há, no coração da Frida com o vestido europeu, uma ferida em seu coração, provavelmente relacionada à separação com Diego (Herrera, 2011).

Figura 1 – Página do diário de Frida Kahlo



ORIGEN DE LAS DOS FRIDAS

= Recuerdos-

Debo haber tenido seis años
cuando viví intensamente
la amistad imaginaria
con una niña... de mi misma edad
más o menos

En la vidriera del que
entonces era mi cuarto,
y que daba a la calle
de Allende, sobre uno de
los primeros cristales de la venta-na. echaba
<babo>.

Y con un dedo dibujaba
una <puerta>

Por esa <puerta> salía en la
imaginación, con una gran
alegría y urgencia, atravezaba
todo el llano que se
miraba hasta llegar⁷ (Kahlo, 2008, p. 78).

Apesar do estilo da escrita de Frida em seu diário, com desenhos e gravuras misturados aos textos escritos, Sarah Lowe em *Frida Kahlo: Un íntimo autorretrato*

⁷ Eu devia ter seis anos
quando eu vivi intensamente
amizade imaginária
com uma garota... da minha idade
mais ou menos
No vitral
então era meu quarto,
e que ficava de frente para a rua
de Allende, sobre um dos
os primeiros vidros da janela. ele jogou <babo>.
E com um dedo ele desenhou
uma <porta>
Por aquela <porta> eu saí
imaginação, com grande
alegría e urgência, passei
toda a planície
olhei até chegar
(Tradução nossa)

(2008) consegue fazer a transcrição da escrita de Frida. No excerto acima, a artista escreve sobre a amizade imaginária que teve, incluindo no texto detalhes dos locais que a fazem recordar dessa "amiga" e da época em que aconteceu. O trecho traz detalhes de seu quarto, com uma citação da janela que era de frente para a rua.

O diário original de Frida, além de contar sua história por meio dos descritos, também pode demonstrar seu sofrimento no próprio estilo da produção. Segundo Vianna (2003):

A letra arredondada e firme com que inicia o caderno novo, ao longo do tempo, vai-se vergando, à medida que se sucedem as cartas, os poemas nascidos da escrita automática, anotações soltas e pensamentos vadios. A grafia torna-se trêmula, traça no corpo do texto a fragilidade que avança no corpo físico. Outras vezes, o sofrimento se inscreve diretamente na página, quando, por efeito das lágrimas, dissolve-se a tinta da escrita, dando lugar a borrões que se agregam aos desenhos. Também ocorre escrever ou desenhar sobre textos já grafados, usando outro tipo de caneta e outras cores. O resultado final é um empastelamento, que sugere um palimpsesto, tantas são as escrituras sobrepostas umas às outras (Vianna, 2003, p. 74).

A letra arredondada e firme no início do diário demonstra controle e organização, mas, com o tempo, à medida que as emoções se intensificam, a grafia se torna trêmula e irregular. Ademais, o uso de diferentes cores e tipos de caneta, misturadas com possíveis lágrimas que borraram as tintas, gera uma sobreposição de camadas, comparadas, por Vianna (2003), a um palimpsesto⁸.

Vários diários publicados são reconhecidos por sua maneira única de contar histórias. O Diário de Anne Frank (2003) conta relatos da segunda guerra mundial, redigidos por uma judia em situação de refúgio, durante sua adolescência. Em suas anotações, a garota descreveu muito do sofrimento que passou, dando um olhar diferente aos publicados em jornais e noticiários.

O diário da garota também utiliza, de maneira abrangente, detalhes do local em que ficou escondida durante anos para exemplificar e dar ao leitor uma pequena noção do que sofreu nos anos que esteve enclausurada.

Como somos todos diferentes uns dos outros, sendo alguns mais recatados, cada um de nós arranhou um local particular para tomar o seu banho. Peter utiliza a cozinha, apesar de sua porta de vidro. Todas as vezes que ele vai tomar banho, passa de um em um, avisando que não passem pela cozinha

⁸ Palimpsesto: Pergaminho que teve sua escrita raspada para ser reaproveitado outras vezes. Fonte: Enciclopédia Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVIWR>. Acesso em: 1º abr. 2025.

durante meia hora. Ele acha que isso é suficiente. O sr. Van Daan vai para cima; certamente acha que vale a pena o trabalho de carregar a água até lá, desde que possa ficar isolado em seu quarto. A sra. Van Daan simplesmente não tomou banho até hoje; está resolvendo qual é o melhor local. Papai toma banho no escritório particular e mamãe, atrás da grade da lareira, na cozinha. Margot e eu escolhemos o escritório da frente. As cortinas estão sempre cerradas nas tardes de sábado, e, assim, tomamos nosso banho na penumbra (Frank, 2003, p. 25).

Anne Frank (2003), no trecho recortado de seu diário, descreve as maneiras peculiares que os refugiados encontraram para fazer tarefas do dia a dia, como tomar banho, lavar roupas, entre outros. Evidenciando, em cada descrição, detalhes particulares do local e da sociedade nele. A perspectiva pessoal presente no excerto, assim como o uso de primeira pessoa para narrar a história e a linguagem espontânea, são características marcantes do gênero, ilustrando como o diário visa capturar o cotidiano do autor, com uma visão pessoal dos acontecimentos.

Novamente, a descrição minuciosa dos detalhes do local se faz presente, principalmente com o intuito de mostrar ao leitor um dos problemas que sofreu enquanto estava no quarto dos fundos (Maneira que a garota chamava o esconderijo).

Nessas descrições, o diário, apesar de ser uma escrita pessoal⁹, apresenta características que o tornam publicável, contudo, a pequena quantia de diários publicados apenas evidencia outro problema, a particularidade do mesmo.

Enquanto alguns gêneros são escritos com o intuito de ser parte da estante de lojas, o diário é, na maioria das vezes, um texto que o escritor pretende guardar apenas para si, como um relato de sua vida para quando for mais velho, ou, até mesmo, para uma nova geração sua. Esse caráter íntimo interfere não apenas em sua circulação e visibilidade, mas também no próprio ato da leitura.

Conforme Lejeune (1997):

Mas os diários são também os textos mais íntimos, mais difíceis de serem lidos por outros, mais frágeis. A pessoa pode entregar o diário de um episódio. Pode passar a limpo um período já distante, o que é uma espécie de ato autobiográfico. Certos diários foram concebidos desde o começo como exercícios literários, foram escritos para serem lidos. Mas como uma pessoa viva poderia se separar de um diário realmente íntimo, mantido ao longo de toda uma vida, e que ela continua a escrever? e deixar que seja lido, como um documento bruto, por desconhecidos? (Lejeune, 1997, p. 116).

⁹ Sobre o diário, Machado (1998) reflete que uma das características individualizadoras é que o gênero é “marcado por uma expressividade particular, por uma atitude pessoal e informal com a realidade” (Machado, 1998, p. 52).

Lejeune (1997), no excerto, trata justamente de uma das particularidades do diário, relatando que, além da dificuldade da leitura, as escritas do gênero têm uma espécie de apego emocional advinda do próprio autor. O fato de ser um texto escrito, em sua maioria, durante anos da vida de alguém, faz com que o sentimento imposto nele, enquanto sendo um “guarda-memórias”, resulte em uma dificuldade de desapego.

Outro diário que fora publicado foi o *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), da autora Carolina Maria de Jesus, que colocou em suas escritas a realidade de uma mãe solteira de três filhos, favelada e catadora de lixo. Na obra, a artista consegue descrever seus dias, sua vida pessoal, social, religiosa e familiar.

Como o subtítulo da obra revela, a obra transmite o dia a dia de uma moradora da favela, o livro, escrito com base no diário de Carolina, mostra o dia a dia dessa mulher que, mesmo sendo semianalfabeta, escreveu a sua vida em anotações diárias.

O livro, que foi escrito por Carolina, mas foi idealizado pelo jornalista Audálio Dantas, tem uma história concisa e real, que evidencia toda a batalha que a moça teve para sustentar seus filhos, sendo uma catadora de papel, além de relatar toda a questão social de uma favela da cidade de São Paulo. O jornalista se utilizou de outros recursos para deixar o diário publicado mais fiel ao que encontrou com Carolina, não corrigindo as palavras que a escritora, semianalfabeta, tinha em seus manuscritos, apenas alterando algumas palavras de sentido equivocado. O não uso de correção promove um texto fiel ao que foi manuscrito no diário, realizando uma maior conexão entre a realidade vivida por Carolina e o texto que fora publicado.

Em trechos, Carolina descreve a falta do financeiro para, sequer, dar alimentos aos filhos:

Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tepido. Deixei o leito as 6,30. Fui buscar água. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, puis feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espirita da Rua Vergueiro 103. Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cosido. Os filhos pediram pão. Dei os 3 cruzeiros ao João José para ir comprar pão. Hoje é a Nair Mathias quem começou imprecisar com os meus filhos. A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente (Jesus, 2020, p. 21).

Além de descrever detalhes de sua própria vida, a autora relata sobre o social, escreve sobre as brigas dos vizinhos, a influência disso para com seus filhos e o sonho

de se mudar para um local melhor. Ademais, a condição de estudo da escritora é evidenciada em algumas palavras. O trecho conta sobre o dia a dia, descrições do clima, das ações do cotidiano como comprar pão e fazer café, além dos trechos sobre o local e a sociedade ao redor revelam, não apenas uma, mas várias vidas semelhantes à da escritora.

Dessa forma, com os exemplos acima, o diário deixa de lado o quesito "pessoal" para ganhar um ar "social", pois seu objetivo se torna retratar, não apenas acontecimentos históricos que envolveram uma pessoa, mas acontecimentos da sociedade a que essa pertencia.

3 BIOGRAFIA

A biografia, apesar de conter objetivos semelhantes ao do diário, tem um contexto de produção e características diferentes, ela é responsável por contar a história da vida de uma pessoa, geralmente alguém relevante para a sociedade, a partir do ponto de vista de pessoas de fora da situação.

Sendo uma narrativa de acontecimentos particulares de diversas etapas da vida de uma pessoa, para (Boldorini, 1994, p. 36), “a biografia se concentra em detalhar mais os acontecimentos do que os próprios pensamentos e sentimentos, diferente do diário”.

As biografias são escritas por observadores, admiradores, pesquisadores ou historiadores, independente do ramo e, em sua maioria, pessoas de fora da situação e, muitas vezes, sem contato com o biografado, seja pela dificuldade em contatar diretamente a pessoa ou até pelo biografado já se encontrar falecido no momento de sua produção.

Logo ficou evidente para todos os assistentes que Rivera estava passando cada vez mais tempo com Louise. Uma anotação de julho no diário de Lucienne relata que nesse dia Diego não deu as caras no trabalho, e que Sánchez Flores disse aos outros assistentes que Rivera gostava muito “da menina que vive grudada nele”. Lucienne ficou indignada: “Frieda é uma pessoa perfeita demais para que alguém tenha vontade de colocar outra no lugar dela”, ela escreveu. Quando Rivera não apareceu na Nova Escola dos Trabalhadores pela segunda vez, Sánchez Flores disse aos outros que ele estava de novo com Louise. “Eu me senti muito mal por Frieda”, Lucienne escreveu em seu diário naquele dia (Herrera, 2011, p. 118).

O trecho acima foi retirado da biografia sobre Frida, escrita por Herrera (2011). A autora recorreu ao diário de Lucienne Bloch — artista e assistente de Diego Rivera à época — para reconstruir, com riqueza de detalhes, os acontecimentos que cercaram o envolvimento de Rivera com Louise, revelando não apenas os fatos, mas também as reações emocionais de testemunhas próximas ao casal. Além do diário, Herrera (2011) complementa a narrativa com uma entrevista concedida por Lucienne, referenciada no glossário da obra (nota 345), reforçando a veracidade das informações apresentadas. Além do que, o excerto apresenta características importantes do gênero biográfico, narrando os acontecimentos de forma detalhada e com base em registros, exibindo o comportamento de Diego e o impacto emocional que suas ações causavam em Frida.

Outra característica marcante no trecho é a forma que os eventos são apresentados, de maneira cronológica, permitindo que o leitor compreenda a dinâmica do relacionamento do casal e os conflitos que surgiram ao longo do tempo, sem julgamentos diretos do narrador, mas utilizando da percepção das pessoas próximas ao casal.

A biografia também conta com um estilo próprio de escrita, que visa envolver o leitor em seu texto, o que transforma o gênero, visando o comercial. Passeron (1990) relata sobre a forma que a biografia narra a história de um indivíduo, utilizando processos narrativos que tornam o seu entendimento mais imediato e envolvente do que outros métodos científicos. Ainda segundo o autor, o sucesso comercial de um texto biográfico consiste na forma que é combinado o pré-conceito, a experiência existencial e o drama, tornando a história uma narrativa envolvente (Passeron, 1990).

Entretanto, com o intuito de deixar a narrativa envolvente, o escritor da biografia pode modificar sua história, a fim de conseguir que a narrativa seja agradável e suficiente não apenas ao leitor, mas a ele próprio. Uma das maiores dificuldades para aferir a veracidade na produção de uma biografia é a imparcialidade do autor. Por ser um gênero que é elaborado a partir de pesquisas de pessoas que conviveram com o biografado e de histórias ou pesquisas elaboradas sobre o mesmo, há uma vasta gama de pontos de vista diferentes sobre a história, os acontecimentos ou a própria pessoa.

Segundo Le Goff (1990), em sua obra *História e Memória*, uma narrativa histórica feita em um documento pode ser alterada com o passar dos anos. Dada a

seriedade da questão acima, a crítica interna do historiador deve analisar, da melhor maneira, o contexto do documento em que se baseou para realizar sua própria narrativa.

[...] um documento, nomeadamente um texto, pode sofrer, ao longo das épocas, manipulações aparentemente científicas que de fato obliteraram o original. [...] A crítica interna deve interpretar o significado dos documentos, avaliar a competência do seu autor, determinar a sua sinceridade, medir a exatidão do documento, controlá-lo através de outros testemunhos. [...] Quer se trate de documentos conscientes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posteridade), as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. [...] Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é "falso", avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo (Le Goff, 1990, p. 89).

No excerto anterior, Le Goff reflete sobre o trabalho do historiador, dado que qualquer informação escrita que conseguisse deveria ser analisada, desestruturada, desmontada e avaliada qualitativamente, para que ele pudesse desfrutar, sem receio, dessa informação em sua própria obra. O autor confirma que esses documentos, especialmente os textos, podem sofrer alterações ao longo do tempo, muitas vezes, pelo rigor científico, que acabam distorcendo informações do original. Assim, a análise crítica é essencial não para confirmar uma verdade absoluta, mas para se aproximar da compreensão mais consistente possível das informações.

Le Goff também disserta sobre a influência do historiador em seu livro:

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (Le Goff, 1990, p. 472).

Ainda segundo o autor, os documentos históricos não são neutros, mas sim produzidos dentro de um contexto específico, modificados e reinterpretados ao longo do tempo. O historiador não apenas seleciona esses documentos, mas os atribui

significado, e essa escolha também é influenciada por sua própria época, sociedade e mentalidade, conforme já destacado.

Ademais, a imparcialidade comentada anteriormente é desafiada ainda mais quando se trata de uma produção com base em uma pesquisa biográfica. O biógrafo pode se encontrar no cerne da narrativa, permitindo que seus próprios pontos de vista influenciem a análise. Em muitos casos, o autor pode ser dominado pela admiração pelo biografado, expressando-se sobre ele com a mesma paixão que um amante fala de seu objeto de afeto. Essa emoção, combinada com a variedade de perspectivas na pesquisa, pode obscurecer a verdadeira história do indivíduo central da biografia, resultando em interpretações distorcidas

Essa admiração é mais bem explicitada no estudo de Carino (1999):

Quando a admiração pelos biografados é forte a ponto de tornar-se incontrolável, os biógrafos preferem renunciar a qualquer distanciamento crítico e deixam-se levar, satisfeitos e gozosos, pelas ondas arrebatadoras de sua paixão, tornando-se cegos (como qualquer apaixonado) e chegando muitas vezes a naufragar no ridículo. Em verdade, o que fazem são “hagiografias”, cuidando, eles mesmos, de canonizar seus biografados (Carino, 1999, p.155).

Além disso, a biografia se mostra importante não apenas para contar a história do biografado em si, mas também de toda sociedade a seu redor, sua época, seus costumes. Ainda segundo Carino (1999, p.157-158): "O caso das biografias tem um agravante: trata-se da representação de vidas de indivíduos, os quais, em sua singularidade, serão tanto quanto causa das transformações ocorridas em sua época histórica".

Nesse contexto, a biografia utiliza a trajetória de um indivíduo para ilustrar eventos e circunstâncias em que ele desempenhou um papel significativo na sociedade, tanto em âmbito local quanto global. Aqui, novamente se alinha com a concepção da arte da memória de Yates (2007), em que a biografia é um gênero textual que resgata as memórias coletivas, trazendo à luz lembranças e reconstruindo a vida e experiências do biografado e de sua comunidade. De maneira análoga, a arte da memória busca recriar um espaço mental rico em informações. O biógrafo, ao escrever, cria um ambiente textual repleto de detalhes que visam evocar a vida de alguém.

Naquele tempo, Rivera invariavelmente usava sua arma como uma espécie de compensação emocional, brandindo a pistola em defesa não apenas de seu orgulho de macho, mas também de seu ego político. Embora o clima político no México tenha dado uma guinada à esquerda com a eleição de Lázaro Cárdenas em 1934 (Cárdenas expulsou Calles do México em abril de 1936, recolocou o país no rumo das reformas agrária e trabalhista, e em 1938 nacionalizou a indústria do petróleo, expropriando inúmeros investimentos estrangeiros), Rivera ainda estava sob ataque do Partido Comunista. Os ataques tinham se tornado ainda intensos, pois no início de 1933, quando Leon Trotsky ficou convencido da impossibilidade de continuar na mesma Internacional que Stálin e começou a formar a iv Internacional, Diego declarou sua simpatia pelo movimento trotskista (Herrera, 2011, p. 139).

Herrera (2011), escritora da biografia de Frida, detalha um trecho da vida de Diego e da artista, no qual o casal estava passando por um tempo separado e, durante esses meses, Diego, que fazia parte do partido comunista, declarou publicamente um apoio a Trotsky¹⁰, o que gerou uma revolta em seu partido e dá uma pequena noção ao leitor do duro conflito político que o México se encontrava na época. O excerto também exemplifica várias características do gênero biográfico, unindo fatos históricos e analisando a personalidade de Diego junto ao contexto político.

A biografia não apenas menciona eventos, mas também busca interpretar o comportamento do biografado. No trecho existe a ideia que Diego utilizava sua arma como compensação emocional, sugere uma análise psicológica de sua atitude, explorando suas motivações internas e, fazendo isso, o biógrafo consegue construir um retrato mais complexo e humano do biografado. Ademais, o trecho evidencia Diego dentro do contexto político, a menção ao governo de Lázaro Cárdenas e às tensões entre os trotskistas¹¹ e stalinistas¹², todas essas referências realizam, não apenas uma mostra histórica, mas também a relação entre a vida pessoal de Diego e as grandes mudanças da época.

Utilizando as referências e os documentos, a biógrafa reforça o compromisso de sua obra com a precisão histórica, garantindo que os relatos sobre Diego sejam sustentados por informações com bases. Dessa forma, a biografia combina os elementos narrativos e históricos para construir um retrato detalhado do biografado.

¹⁰ Leon Trotsky foi um revolucionário, teórico político e um dos principais líderes da revolução Russa de 1917.

¹¹ Seguidores dos ideais de Leon Trotsky, revolucionário russo que defendia a “revolução permanente” e se opunha à política de Josef Stalin.

¹² Apoiadores de Josef Stálin, líder da União Soviética que defendia o “socialismo em um só país”, com centralização do poder e forte controle estatal.

Giovanni Levi (2014), em seu ensaio: *O trabalho do historiador*, discorre ainda sobre outro possível problema na produção de biografias, segundo ele:

Para mim, é evidente que uma biografia típica não funciona, porque todos nós somos diferentes. Isso é interessante. Há limites em nossa possibilidade de conhecer as pessoas, de escrever uma biografia, mas a tendência à tipicidade tem produzido o quê? Em geral, tem produzido coerências biográficas, a ideia de que nossa vida é coerente. Nós sabemos que não é verdade. Nossa vida não é coerente. Temos várias contradições de vários tipos... Quando verbalizamos, transformamos em palavras nossas emoções... nossas intuições, e cortamos as coisas, as simplificamos para obter uma coerência e linearidade da biografia. O verdadeiro problema é como podemos evitar isso? Dilthey, um filósofo alemão, dizia que ninguém pode imaginar as emoções, as impressões das pessoas, se não tiverem tido, de algum modo, uma expressão objetiva. Trabalhamos sobre documentos e sobre pessoas apenas quando há algo dito, de evidente, mas o que passa nas cabeças das pessoas nem as pessoas mesmas sabem. Mas temos a impressão de que falta algo de diferente, de não coerente. Ademais, temos uma vida dupla: se estamos conscientes, temos uma vida. Quando dormimos e sonhamos, temos outra vida. Nosso inconsciente nos sugere coisas que preferimos não transformar em palavras. A dificuldade de escrever uma biografia é exatamente essa: evitar tipicidade, coerências e linearidades (Levi, 2014, p. 8).

O autor afirma que o ato de narrar a trajetória de uma pessoa, sem tornar o texto uma simplificação excessiva, é um problema constante na produção de biografias. Utilizando o argumento de biográfica “típica”, o pesquisador reflete sobre a dificuldade de verbalizar emoções e experiências em um texto, o que pode vir a tornar a biografia apenas um texto linear e previsível. Ademais, discorre que o biógrafo deve encontrar um equilíbrio entre os fatos e a subjetividade do biografado, para evitar a linearidade e criar um retrato com maior autenticidade da complexidade humana.

Os problemas do contexto de produção de biografias, como os múltiplos pontos de vista e a paixão do biógrafo pelo biografado, podem gerar divergências em pequenos detalhes de acontecimentos ou em situações que, talvez, não tenham sido tão relevantes para o propósito do texto. Além disso, a dificuldade na assimilação e transcrição da complexidade humana do biografado pode conferir à biografia uma linearidade que não chama a atenção do leitor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diário e a biografia são gêneros textuais que, apesar de suas particularidades, compartilham um objetivo comum: registrar e narrar a vida e a

memória. Ambos buscam converter em linguagem escrita os acontecimentos vividos por um indivíduo, refletindo também aspectos de seu entorno social, material e temporal. Nesse sentido, a memória desempenha papel central, entendida como a capacidade de aquisição, formação ou conservação de informações ou, ainda, como uma função psíquica que possibilita ao ser humano reatualizar experiências passadas.

Uma das conclusões centrais no estudo desses gêneros é a percepção de que a vida, quando narrada, constitui uma construção discursiva. A ideia de uma narrativa linear e coerente é, na realidade, uma forma de organizar experiências a partir de uma lógica artificial, que não contempla as contradições e imprevistos da existência humana. Assim, tanto diários quanto biografias enfrentam o desafio de representar a complexidade da vida sem reduzi-la a uma sequência estática e simplificada de eventos.

A parcialidade é outro aspecto inevitável nessas formas de narrativa. Nenhum texto é neutro, e toda narrativa carrega a perspectiva de seu autor. No caso do diário, essa parcialidade se evidencia em seu caráter íntimo e espontâneo, muitas vezes escrito “no calor do momento”, refletindo as emoções e percepções imediatas do autor. Já na biografia, a subjetividade manifesta-se de forma mais sutil, mas igualmente relevante: construída a partir de múltiplas fontes e interpretações, a narrativa biográfica pode ser influenciada pela admiração do biógrafo pelo biografado, levando, em alguns casos, à produção de textos que idealizam e canonizam o personagem retratado.

Outro ponto importante levantado pelo texto é a necessidade de considerar os documentos históricos como “monumentos”, e não apenas registros do passado. Essa abordagem exige do historiador ou biógrafo uma crítica rigorosa, capaz de analisar a intenção e a confiabilidade dos relatos.

Apesar de sua origem pessoal, o diário pode extrapolar o âmbito privado e adquirir uma dimensão social. Obras como *O Diário de Anne Frank* ou *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, exemplificam essa transição, ao revelarem não apenas experiências individuais, mas também condições sociais e históricas de seus contextos. Da mesma forma, a biografia, ao retratar a trajetória de figuras relevantes, contribui para a compreensão de seu tempo, costumes e acontecimentos históricos, situando o indivíduo em seu meio social e político.

No campo educacional, ambos os gêneros assumem importância significativa, sendo contemplados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para o documento, a leitura e a produção de diários e biografias estimulam o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da articulação entre vivências e contextos históricos, desempenhando um papel formativo essencial na formação de leitores conscientes.

Apesar da baixa quantia de pesquisas sobre os gêneros, tanto o diário quanto a biografia são instrumentos valiosos para a preservação e interpretação da memória humana. Contudo, por estarem impregnados de subjetividade, requerem uma leitura crítica e atenta, capaz de reconhecer as múltiplas camadas de sentido que compõem a narrativa da vida.

REFERÊNCIAS

BOLDORINI, Marília Garcia. **As singularidades patrimoniais no contar biográfico**: Paisagem, Memórias e Narrativas de Joinville. Orientadora: Profa. Dra. Roberta Barros Meira. 2018. 213 f. v. 1, Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Univille, Joinville, 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. BRASÍLIA, DF, 2018.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 67, p.153-182, 1999.

COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica**: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. Orientador: Sandra Mara Corazza. 2010. 179 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FRANK, A. **Diário de Anne Frank** – Versão Definitiva. Rio de Janeiro: Grupo Editoria Record, 2003.

GAMBOA, Maria José. À procura do leitor literário: textos e contextos de leitura. Exedra: Revista Científica, Coimbra - Portugal, v. 2, p. 170-183, 1 jun. 2016. ISSN-1646--9526.

HERRERA, Hayden. **Frida**: a biografia. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

KAHLO, Frida. **El diario de Frida Kahlo**: un íntimo autorretrato. Introdução de Carlos Fuentes. Ensaíos e Comentários de Sarah M. Lowe. Hong Kong: Midas Printing, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.

LEJEUNE, Philippe. O Guarda-Memória. **Estudos Históricos: Indivíduo, biografia, história**, Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 111-118, 1 jul. 1997.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 8/9, vol. 1. 99–114, 2011.

LEJEUNE, Philippe. Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 48, n. 4, p. 537–544, 2013.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: Pesquisar, resumir, comunicar. **Tempo**. Vol. 20, n. 1. 1–20, 2014. Editora da Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói – RJ. DOI: 10.5533/TEM-1980-542X-2014203606.

LUCENA, S. C. O livro Ho-ba-la-lá, a narrativa biográfica e a missão impossível da verdade. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, DF v. 5, n. 2, p. 71-85, 3 jul. 2013.

MACHADO, A. R. O Diário de Leituras: A introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

MICHAELIS. Dicionário Michaelis On-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>.

PASSERON, Jean-Claude. Biographies, flux, itinéraires, trajectoires. **Revue française de sociologie**, SciencesPoUniversity Press - Paris - França, v. 31, n. 1, p. 3-22, 30 mar. 1990. DOI 10.2307/3321486.

PIMENTEL, C. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. O Marrare, n. 14. **Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, J. B.; PEREIRA, M. H. de M. Escrever a própria vida: Aspectos Estilísticos do Gênero Diário Pessoal. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 295–312, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n2.p295-312.

VIANNA, Lúcia Helena. Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os ‘quadros’ de Clarice Lispector. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2003. DOI: 10.1590/S0104-026X2003000100005.

YATES, Frances Amelia. **A Arte da Memória**. Tradução de Flavia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.